



LYSSA
KAY
ADAMS

CLUBE DO LIVRO DOS HOMENS

*Estupidamente
apaixonados*

O que há de mal em uma pitada
de romance entre amigos?



*Estupidamente
apaixonados*

UM

Noah Logan sempre soube que chegaria o dia em que se transformaria oficialmente em alguém irreconhecível, e pelo visto seu 31^o aniversário seria a ocasião.

Mas só se não lutasse.

E ele ia lutar, ah, se ia.

Cruzou os braços, adotou uma postura de *lá vem você com esse papo de novo* que aprendera com o pai militar e cerrou a mandíbula sob a barba desgrenhada.

– Não. Nem pensar. Mas de jeito nenhum.

Seu amigo Braden Mack fez cara feia.

– Ah, qual é, cara? Vai ser o melhor presente de aniversário de todos os tempos.

– É o *meu* aniversário, seu idiota – resmungou Noah.

Ele abriu os braços em um gesto amplo, indicando o grande círculo de homens e uma mulher reunidos em torno de uma mesa próxima à pista de dança vazia da boate de Mack, a Temple Club.

– Pode guardar esse beicinho aí pra eles. Isso não funciona comigo, não.

Que mentira. Porque tinha sido justamente o beicinho de Mack que levara Noah até ali. De início, ele ficou honrado e emocionado quando

Mack pediu que ele fosse seu padrinho de casamento junto de outros amigos íntimos. Mas depois veio o tal beicinho, e, quando deu por si, Noah estava assumindo todas as tarefas que achava que cabiam às noivas. Pelo visto, a futura esposa de Mack, Liv, tinha confiado todos os preparativos ao noivo, que, por sua vez, considerou justo que os amigos sentissem o gostinho do que a sociedade exigia das mulheres.

E, veja bem, Noah era totalmente a favor disso. Mas, pelo amor de Deus, nos últimos oito meses ele tinha ajudado Mack a escolher arranjos de flores e a pensar no esquema de iluminação, debatido sobre determinado versículo da Bíblia e discutido um tanto acaloradamente com outro padrinho sobre a possibilidade de Mack abandonar a antiquada tradição de jogar a liga da noiva para dar sorte ao solteiro que a pegasse. O casamento seria no mês seguinte e Mack tinha oficialmente atingido níveis épicos de noivo estressadinho.

E hoje? Ah, hoje eles estavam fazendo *artesanato*. Mack queria colocar na entrada do salão de festas uma grande moldura em arco feita à mão.

Por isso estavam todos reunidos na boate dele às três da tarde de uma quinta-feira de outubro, para fazer cerca de quinhentas flores de papel. Mas estava na cara que tudo não passava de uma armação para jogar a última bomba no colo deles.

Mack queria que eles apresentassem um número de dança na festa. Um número de *dança*.

– Vou falar de um jeito que você entenda – disse Noah. – Eu. Não. Vou. Dançar. Merda. Nenhuma.

Mack transmitiu no olhar toda a frustração de uma criança a quem foi negado um segundo copo de achocolatado na hora do lanche. Mas o som de sapatos se arrastando no chão de madeira desgastado indicava que Mack estava prestes a receber reforços. Segundos depois, uma mão calejada deu um tapa no ombro de Noah, que cambaleou para a frente enquanto seus óculos de armação preta e grossa escorregavam pelo nariz.

– A gente vai dançar pelo Mack – disse Vlad Konnikov, jogador de hóquei que todos chamavam de Russo porque ele era, de fato, russo.

Seu sotaque pesado deu à frase um tom de *senão você vai ver*. Isso fez Noah falar mais alto e em tom de *ah, merda* ao tentar outra tática:

– E o Liam? O seu irmão mora na Califórnia, Mack. Como é que ele vai aprender a coreografia se nem está aqui?

– Vou mandar um vídeo para ele ensaiar sozinho.

Noah ajustou os óculos e, ao olhar para trás, deparou-se com uma mesa inteira de olhares fixos nele, só esperando sua inevitável derrota.

– Todos vocês concordaram com isso?

– Amigo que é amigo não deixa o outro passar vergonha sozinho – respondeu Del Hicks, jogador de beisebol do Nashville Legends.

Seus dedos grossos demonstravam uma agilidade impressionante ao dobrar um pedaço de papel de seda e transformá-lo em algo bastante parecido com um cravo.

– Minha esposa ameaçou me bater se eu não concordasse – acrescentou Gavin Scott, outro jogador de beisebol, cuja esposa, Thea, era irmã da noiva de Mack.

Del deu um tabefe na cabeça de Gavin, que se corrigiu rapidamente:

– Quer dizer, vou fazer com o maior prazer.

A única mulher do grupo bufou e jogou uma flor de papel de seda rosa na caixa ao lado. Sonia era a gerente da boate de Mack e a pessoa mais rabugenta que Noah já tinha conhecido.

– Desiste, Noah. Se o Mack conseguiu me convencer a fazer *flor de papel*, você consegue deixar seu ego de lado por uma mísera dança.

Não era ego. Era autopreservação. Sim, ele ainda usava cabelo bem comprido e roupas bem casuais, mas, mesmo com o coque e as camisetas geek de quadrinhos, seus antigos amigos hacktivistas jamais o reconheceriam naquele momento. O homem que já fora preso pelo FBI por tentar hackear um centro de pesquisa universitário estava prestes a se tornar um dançarino de smoking em um casamento de um milhão de dólares digno do Pinterest, ao lado de ricos e famosos.

Era bem verdade que Mack e os outros caras não tinham nada a ver com a corja de belicistas que ele costumava tentar derrubar com suas habilidades em informática. Na verdade, aqueles homens eram as pessoas mais decentes que já conhecera. Mas, mesmo assim, tinha batalhado

muito para chegar até ali. Atualmente ele era um empresário bem-sucedido, dono de uma firma de segurança eletrônica em ascensão que atendia celebridades e outros clientes de renome. Sem dúvida era respeitável. Milionário antes mesmo dos 30. Estava, enfim, realizando o último desejo do pai. *Faça alguma coisa com esse seu cérebro de gênio.*

Uma dança brega com os padrinhos definitivamente não era o que seu pai tinha pensado. Ele se agarrou a sua última e melhor desculpa:

– Cara, o que você acha que a Liv vai achar disso? Ela odeia essas coisas românticas.

Mack deu de ombros.

– Mas ela adora dar risada.

– Então a ideia é que a gente sirva de chacota?

– Não. A ideia é se permitir ser vulnerável na frente das mulheres que a gente ama.

Mack pronunciou a última parte com uma ênfase que deixou Noah incomodado. Foi golpe baixo, e Mack sabia. Mas ele nunca perdia uma oportunidade de incentivar Noah a tomar uma atitude sobre seu relacionamento com a melhor amiga, Alexis Carlisle. Mack e os outros caras não entendiam por que Noah não saía do nível platônico com Alexis, e ele já estava cansado de tentar explicar.

Noah puxou o elástico de cabelo e rapidamente refez o coque, que havia se soltado.

– A Alexis vai adorar – disse Mack, as sobrancelhas erguidas. – Você sabe que vai.

E assim Noah jogou a toalha. Suas palavras seguintes saíram em um suspiro derrotado:

– O que eu tenho que fazer?

– Só aparecer no sábado para começar a aprender os passos. Contratei um coreógrafo e tudo.

– Ah, uau.

Mack deu um tapinha nas costas dele.

– Obrigado de verdade, cara. E vai ser divertido, você vai ver.

Estava mais para tortura. Noah voltou à mesa, se arrastando atrás de Mack, e se deixou cair em uma cadeira. Sonia deslizou para ele um maço

de papel de seda rosa. Ele balbuciou um obrigado e voltou a olhar feio para Mack.

– Mas eu juro por Deus que se tiver que dançar twerk eu tô fora.

– Cara, ninguém quer ver o Russo dançar twerk – disse Colton Wheeler, rindo.

Colton era um astro da música country que começara em uma das quatro casas de show de Mack em Nashville e agora era amigo de todos eles. Também era o mais novo cliente de Noah. E estava certo a respeito de Russo: o cara era grande, peludo e tinha a tendência de peidar em público.

– O que é twerk? – perguntou Russo.

Colton pegou o celular e logo achou um vídeo. Russo ficou vermelho que nem um camarão e voltou a se concentrar nas flores de papel.

– Sem twerk.

– Falando no seu aniversário... – disse Mack, curvando-se para pegar alguma coisa no chão.

Ele passou uma sacola de plástico para Colton, que a entregou a Noah. Noah espiou dentro da sacola e resmungou. Um livro de bolso intitulado *De volta para casa* o encarava. A imagem da capa trazia um homem e uma mulher se abraçando, o homem com uma bola de futebol americano na mão.

Noah tentou devolver a sacola a Colton.

– Não. Já basta vocês me fazerem dançar.

Colton empurrou o livro de volta.

– Confia na gente. Você precisa disso.

Noah largou o livro na mesa.

– Não preciso, não.

– Mas você vai gostar – disse Mack. – É sobre um jogador de futebol profissional que volta para a cidade onde passou a adolescência e descobre que a ex-namorada ainda mora lá, e aí...

– Não quero saber. Quantas vezes vou ter que dizer que *nunca* vou entrar pra esse clube do livro?

Noah era o único ali que não fazia parte do Clube do Livro dos Homens, o clube de livros de romance de Mack, exclusivo para homens. Eles

acreditavam que os romances tinham todas as respostas para os relacionamentos. E, embora não tivesse como contestar os resultados – Mack estava noivo e muito feliz, e quase todos os outros integrantes salvaram seus casamentos usando as lições dos livros –, Noah rejeitava todas as investidas literárias de Mack para atraí-lo para o clube.

Mack apoiou os cotovelos na mesa.

– Você só precisa ler e nos ouvir, e podemos resolver esse problema para você.

Noah cerrou os dentes.

– Meu relacionamento com a Alexis não é um problema que precise ser resolvido. Nós somos *amigos*.

– Claro. – Colton riu. – Apenas amigos. Você só passa cada minuto do dia com ela, sai correndo sempre que ela liga, joga umas palavras cruzadas idiotas com ela pelo celular...

– O jogo se chama Word Nerd.

– ... deu a ela um apelido que ninguém mais usa e passa um tempão na casa dela, mesmo sendo alérgico ao gato dela. Esqueci alguma coisa?

– Também sou alérgico ao Mack e mesmo assim ando bastante com ele. Mack levou a mão ao peito.

– Isso magoou. De verdade.

Colton ergueu as mãos em rendição.

– Só estou dizendo que não entendo por que você insiste em se manter nessa *friendzone*.

– Deixa o cara em paz – disse alguém com uma voz calma, mas firme, do outro lado da mesa. Era Malcolm James, jogador da NFL, o mais feminista do grupo e mestre zen. – Homens e mulheres podem ser amigos sem precisar virar uma coisa sexual.

– Só que nesse caso ele quer transar com a Alexis – comentou Colton. Noah cerrou o punho.

– Olha lá como você fala...

– É, cara – disse Mack, balançando a cabeça. – Isso foi desnecessário. Não falamos das mulheres desse jeito.

Colton deu de ombros, encabulado, e murmurou um pedido de desculpas.

Malcolm voltou a falar:

– Isso de *friendzone* não passa de uma construção social criada para dar ao homem uma desculpa que justifique o fato de uma mulher não querer transar com ele. É uma palhaçada e todos nós sabemos disso. Então parem de encher o cara com essa ladainha sobre o relacionamento dele com a Alexis. Deveríamos elogiar o Noah por provar que homens e mulheres podem ser amigos de verdade.

Como uma turma que tinha acabado de ser repreendida pelo professor favorito, fez-se silêncio à mesa, exceto pelo amassar de papéis.

Não durou muito. Mack ergueu os olhos e suspirou.

– Só estou querendo dizer que talvez ela esteja pronta, Noah.

Noah se sentiu prestes a explodir. Mack continuou:

– Já faz dezoito meses que...

– Para – cortou Noah.

Como se ele precisasse que Mack servisse de calendário. Sabia exatamente quanto tempo se passara desde que conhecera Alexis. Não era o tempo que importava. Eram as circunstâncias.

E eles não tinham razão. Nem antes, nem agora.

Talvez nunca. O que era um pensamento tão deprimente quanto a ideia de dançar.

Noah mirou a sacola de plástico na mesa. Não queria o presente nem a ajuda deles. Ele era um desastre romântico ambulante e com toda a certeza não precisava de livros melosos para lembrá-lo disso. Amores não correspondidos acabando em patéticos “felizes para sempre”.

Mas uma hora depois, quando terminaram ali e foram para casa, Noah acabou levando o livro. Porque, se era necessário fingir ler um maldito romance para que Mack largasse do seu pé, que assim fosse.

DOIS

Chegara o momento. Alexis Carlisle pressentia. Aquele era o dia em que a tímida jovem ia finalmente falar com ela.

Durante uma semana inteira, a mulher de cabelo castanho comprido e uma coleção de moletons tinha ido ao ToeBeans Cat Café – a cafeteria de Alexis – e ficado sentada quieta em um canto com um livro, ora afa-gando um dos felinos residentes da loja, ora lançando olhares nervosos a Alexis.

Mas naquele dia ela não levara nenhum livro. Estava simplesmente olhando ao redor, seu olhar se demorando em Alexis sempre que achava que ela não estava prestando atenção.

Nos dezoito meses desde que Alexis se apresentara como uma das mais de dez vítimas de assédio sexual por parte do famoso chef Royce Preston, seu café tinha se tornado um ponto de encontro para outras sobreviventes de assédio e violência. Quase toda semana aparecia alguma mulher em busca de um ouvido solidário, de um abraço compreensivo ou de orientação sobre como sair de uma situação trágica. Não foi intencional, mas Alexis acabara assumindo a responsabilidade. Ao longo do tempo, aprendera a identificar os sinais de uma mulher pronta para falar.

Ela se virou para a atendente, sua amiga Jessica Summers, também vítima de Royce.

– Pode ficar no balcão um pouco? Vou tentar fazer uma coisa.

Jessica assentiu e Alexis correu para os fundos, atravessando a cozinha e indo até o armário onde guardava a caixa com as ferramentas de jardinagem que usava para cuidar dos canteiros na entrada do café. Precisava capinar e podar o jardim com urgência, e assim talvez pudesse matar dois coelhos com uma cajadada só. Ela cruzou o café com a caixa, fingindo ter mais dificuldade que o normal com o peso. Ao se aproximar da porta, escorou a caixa na janela e fingiu estar com dificuldade para alcançar a maçaneta.

A atuação funcionou. A jovem se aproximou com um sorriso hesitante.

– V-você precisa de ajuda?

Alexis tentou fazer uma expressão que transmitisse simpatia e escondesse que suas entranhas estavam pulando e cantando feito uma criança empolgada.

– Sim, obrigada – respondeu ela, içando a caixa até a altura do peito.

– Preciso de uma mãozinha.

A mulher contornou Alexis para abrir a porta, depois recuou um passo, abrindo caminho.

– Está frio hoje, né? – comentou Alexis, abaixando-se para pôr a caixa na calçada.

A moça fechou a porta e puxou as mangas do moletom, cobrindo as mãos.

– Está. Eu... eu não esperava que estivesse tão frio aqui.

– Você não é de Nashville?

Alexis se agachou para fingir que procurava alguma coisa na caixa. Queria manter a conversa, mas sem ser muito incisiva. A última coisa que as mulheres que iam parar no seu café precisavam era de alguém tentando fazê-las falar antes que estivessem prontas.

– Huntsville – respondeu a moça. – Lá ainda está bem menos frio do que aqui.

Alexis achou as luvas de jardinagem e se levantou, como se fosse aquilo que estivesse procurando o tempo todo.

– Nunca fui ao Alabama. Quanto tempo de viagem?

– Só algumas horas. Por isso pensei que talvez o clima daqui estivesse igual.

Alexis enfiou as luvas no bolso.

– É só uma frente fria que chegou mais cedo – declarou ela, o mais leve e casual possível.

– Pode ser.

A jovem mordeu o lábio. Alexis estendeu a mão.

– Alexis. Te vi aqui algumas vezes, mas ainda não nos conhecemos formalmente.

A moça engoliu em seco.

– Candi – disse ela, apertando a mão de Alexis. – Quer dizer, Candace, mas todo mundo me chama de Candi.

– Muito prazer, Candi. Posso preparar alguma bebida pra você? – ofereceu Alexis, apontando com a cabeça para a porta.

– Ah, não. – A garota balançou a cabeça quase freneticamente.

A decepção silenciou a criança interior empolgada. Mas então Candi engoliu em seco outra vez e disse:

– Quer dizer, sim. Vim para tomar alguma coisa, mas você está ocupada, então posso pedir direto no balcão.

– Deixa que eu preparo. – Alexis sorriu. – E aí depois quem sabe você não me faz companhia enquanto tento não matar essas plantas?

Alexis prendeu a respiração até que Candi deu aquele sorriso hesitante de novo.

– Ok. Claro. Seria... seria ótimo.

– Um *chai latte* com canela?

O sorriso cresceu.

– Já decorou o meu pedido?

– Fica à vontade para pegar uma mesa – disse Alexis, indicando uma das mesas externas. – Já volto.

Alexis andou da forma mais natural possível enquanto voltava para dentro. Seu olhar encontrou o de Jessica ao balcão.

– Preciso de um *chai latte* com canela – disse ela, com um olhar furtivo para trás.

– Ela finalmente falou com você? – perguntou Jessica, os olhos brilhando enquanto ela começava a preparar a bebida.

Alexis pegou um muffin e um pãozinho na vitrine. Comida costuma quebrar o gelo e dar às pessoas algo em que se concentrar quando o contato visual se torna doloroso demais. Muitos segredos tinham sido sussurrados a Alexis diante de um prato de bolinhos esmigalhados por dedos apreensivos.

Ela voltou até Candi e colocou o prato e o chá na frente da moça, que tirou a carteira do bolso.

– Quanto...

– É por conta da casa – interrompeu Alexis, voltando para a caixa de ferramentas de jardinagem.

– Ah, não posso aceitar – logo disse Candi.

– Considere um presente de boas-vindas a Nashville. – Ela inclinou a cabeça. – Já nos encontramos antes?

Candi arregalou os olhos por uma fração de segundo antes de balançar a cabeça outra vez.

– Não.

– Você me parece tão familiar...

– Familiar como?

– Não sei. Alguma coisa no seu olhar, eu acho.

Candi ficou imóvel. Parecia um coelho atordado, apanhado em flagrante na horta.

Alexis pegou a tesoura de poda e foi atrás do vaso de crisântemo em pior estado. A planta começara a definhar por falta de cuidado e pelo ar cada vez mais frio.

Cortou uma flor murcha. Esperou. Cortou outra. O leve tinido da caneca batendo na mesa era o único som além do estalido da tesoura.

Quando o silêncio se arrastou, Alexis por fim disse:

– Quero que saiba que nunca deve se sentir pressionada a falar. Se você só quiser alguém para se sentar ao seu lado, estou aqui sempre que precisar.

– T-tá bom.

Mais uma flor murcha caiu no chão.

– Muitas, muitas mulheres como você vêm aqui só para ter companhia.

Deu para ouvir Candi engolindo em seco. Alexis pôs a tesoura na caixa e se levantou. Candi a seguiu com um olhar nervoso quando ela se sentou à mesa bem à sua frente. Do bolso do avental, Alexis tirou um cartão de visita, reservado apenas para mulheres como Candi.

– Meu número pessoal. Pode me ligar a qualquer hora.

Candi observou o cartão como se Alexis tivesse acabado de lhe entregar uma nota de cem dólares.

– Sei como é difícil – disse Alexis. – É um segredo sufocante.

– Eu... eu preciso mesmo falar com você.

– Quando estiver pronta.

Mas então uma voz estridente a interrompeu:

– Com licença, mas temos um assunto a resolver.

Candi arregalou os olhos ao se virar e ver a nêmesis de Alexis esbravejando do outro lado da rua e então marchando até a mesa.

Alexis tentou manter a voz calma:

– Desculpa, Karen, estou ocupada. Pode esperar?

– De jeito nenhum.

E bastou isso para Candi empalidecer, levantar-se de um pulo e recuar, hesitante.

– Eu... eu volto depois.

– Candi, espere.

Alexis tentou alcançar o braço da garota para impedi-la de ir embora, mas Candi escapou do seu alcance e se foi, sumindo de vista.

Alexis recolheu o prato sujo e a caneca. Ignorando Karen, virou-se para a porta, entrou e foi até o balcão. Pôs a louça suja em um cesto plástico e limpou as mãos no guardanapo preso no avental antes de se virar para Karen outra vez.

– Posso ajudá-la em alguma coisa hoje?

– Você nunca me ajudou muito antes, então duvido que possa – respondeu Karen.

Alexis forçou os músculos do rosto a esboçar um sorriso.

– Lamento saber que nossos outros encontros não foram satisfatórios para você. Gostaria de se sentar e conversar? Posso oferecer uma xícara de chá, por conta da casa.

- Não consumiria nada daqui nem de graça.
- Então como posso ajudá-la?

Sua tentativa de manter a calma não era por Karen. Era por si mesma. Se tinha aprendido alguma coisa nos últimos dezoito meses, era que as pessoas acreditavam no que queriam, e poucas valiam o esforço emocional necessário para tentar fazê-las mudar de ideia. Além disso, Alexis estava acostumada a lidar com Karen Murray. A dona da loja de antiguidades do outro lado da rua tinha sido uma pedra no seu sapato desde o dia em que ela apresentara sua acusação contra Royce. Karen nunca tinha falado com Alexis antes disso, mas desde então suas reclamações se tornaram um aborrecimento semanal.

Karen pegou da bolsa uma sacolinha bem cheia.

- Você pode me ajudar com isso aqui.

Ela largou a sacolinha em cima do balcão e Jessica pulou para trás com um grito quando viu o que havia dentro. Dois minúsculos olhos do que um dia fora um rato vivo a encaravam através do plástico em um apelo silencioso.

Alexis chegou mais perto e levantou a sacolinha pela ponta.

- Agradeço o presente, Karen, mas sou vegetariana.
- Tudo é piada pra você, né? – Karen ajeitou a alça da bolsa no ombro.
- Deixaram isso aí na porta da minha loja hoje cedo.

Alexis jogou a sacolinha na lixeira embaixo do balcão. Assim que Karen saísse, teria que tirar o lixo e lavar o balcão com água sanitária.

- Não estou entendendo. O que eu tenho a ver com esse rato?
- Foi o seu gato que deixou lá! – disse a mulher, apontando com desprezo e lançando um olhar furioso para Roliço, o felino que Alexis resgatara no Maine e que dormia profundamente no nicho para gatos junto à janela.

Alexis forçou um sorriso.

- Karen, é impossível que o Roliço tenha feito isso. Ele vai para casa comigo todas as noites e está aqui dentro desde que chegamos hoje.

Jessica começou a borrifar um produto de limpeza industrial no balcão de vidro. Karen deu um grande passo para trás, a bolsa colada com firmeza contra o peito.

– Olha, já era bem ruim quando só tínhamos que aturar suas feiras de adoção de gatos toda semana, mas agora temos que aguentar isso também?

Karen gesticulou em direção à área das mesas, apontando para as muitas mulheres ali entretidas em suas conversas, algumas sorrindo, outras chorando.

– Desculpa, mas não estou entendendo – declarou Alexis. – Está brava porque tenho muitos clientes?

– Essas mulheres não são apenas clientes.

– Todas consomem aqui. Me parecem clientes.

– Você entendeu muito bem o que eu quis dizer. Essas mulheres lotam o estacionamento e nunca vão a nenhuma outra loja em volta. Não é justo que você ocupe todas as melhores vagas de estacionamento para a sua pequena campanha.

Alexis cruzou os braços.

– Imagino que você esteja se referindo à minha tentativa de oferecer um ambiente de apoio e liberdade para mulheres sobreviventes de agressão e assédio sexual.

Karen revirou os olhos, o que disse mais do que qualquer palavra.

– O fato de alguém dizer que foi vítima não significa que foi mesmo. Até onde sabemos, essas mulheres só querem atenção.

– É, porque nada atrai mais atenção positiva para uma mulher do que denunciar um empregador por assédio sexual.

O rosto de Karen ganhou um tom de vermelho perturbador.

– Vou resolver isso com as autoridades, se for preciso.

A antiga Alexis talvez tivesse ficado intimidada com a ameaça, mas aquela versão tinha desaparecido quando finalmente fora a público denunciar o que o ex-chefe tinha feito com ela e com uma dúzia de outras funcionárias. Agora, era preciso muito mais do que uma Karen para assustá-la.

– Mande lembranças à presidente da câmara municipal. Diga a ela que os bolinhos de abóbora com especiarias em breve voltarão ao cardápio.

Karen girou nos saltos altos e foi batendo pé até a porta. Bem na hora, alguém a abriu por fora, e Alexis riu sem disfarçar ao ver quem estava do outro lado. Sua melhor amiga, Liv Papandreas, recuou para deixar Karen passar, mas depois fez um gesto obsceno pelas costas da mulher.

Alexis lançou um olhar de repreensão para ela, mas no fundo adorou. Não teria sobrevivido ao último ano e meio sem o apoio dos amigos.

– Vou ter que partir pra briga? – perguntou Liv, indo até o balcão. Ela carregava algumas roupas em capas protetoras.

– *Eu* é que vou partir pra briga daqui a pouco – disse Alexis, puxando a lata de lixo atrás do balcão.

– *Essa* eu quero ver. Já está na hora de você confrontar essa mulher.

– Acho que meu terapeuta não ia considerar isso um mecanismo de enfrentamento saudável. Além do mais, não ia adiantar. – Ela olhou por cima do ombro e acenou com a cabeça em direção aos fundos para que Liv a seguisse. – O que é que você tem aí?

Liv quase deu um pulinho de animação.

– Tenho um presente para vocês – disse cantarolando, e parou atrás do balcão para cumprimentar Jessica com um soquinho.

As três tinham formado um laço de amizade eterno depois de se unirem para expor Royce.

– Vestidos de madrinha de casamento? – perguntou Jessica, abrindo um sorriso enorme.

– Sim. Finalmente chegaram.

Liv foi atrás de Alexis pela porta vaivém que separava a área aberta ao público da área em que ficava a cozinha e o pequeno escritório. Enquanto Alexis despejava o conteúdo nojento da lata de lixo na caçamba lá fora, perto da porta dos fundos, Liv pendurou as roupas na porta do escritório. Assim que Alexis voltou, Liv abriu o zíper da capa, revelando dois longos vestidos sem alça, ambos de seda vermelha.

– Uau! – exclamou Alexis. – São ainda mais bonitos do que eu me lembrava. Mack acertou em cheio.

O fato de Liv ter confiado todos os preparativos do casamento a Mack já dizia tudo que alguém precisava saber sobre o relacionamento dos dois. Ele era o romântico. Liv era do tipo *vamos fugir pra Vegas*. E Alexis adorava os dois.

Liv se afastou com um sorriso atrevido.

– Mal posso esperar para ver a reação do Noah quando te vir nesse vestido.

As bochechas de Alexis esquentaram. Sua amizade com Noah Logan era uma fonte constante de especulação e provocação entre seu grupo de amigos.

– Olha a sua cara! – Liv riu. – E ainda quer que eu acredite que vocês são só amigos.

Mas era verdade. Eles tinham se conhecido na época da louca repercussão do episódio com Royce e se deram bem. Noah e Liv eram seus amigos mais próximos. Ele era engraçado, inteligente, gentil e, acima de tudo, confiável. Com Noah, ela se sentia mais do que a caricatura superficial de uma mulher humilhada, que fora criada pela mídia. Talvez houvesse tido uma época em que ela ansiara por algo mais, porém Noah nunca deixara transparecer que sentia o mesmo. E Alexis ainda era muito ressabiada com os homens para insistir e arriscar destruir o relacionamento mais saudável que já tivera com um.

A porta da cozinha se abriu de repente. Liv riu outra vez.

– Falando no diabo...

CONHEÇA OS LIVROS DE LYSSA KAY ADAMS

CLUBE DO LIVRO DOS HOMENS

Clube do Livro dos Homens

Missão Romance

Estupidamente apaixonados

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

